DESEDUCAÇÃO

substantivo feminino •
~~**embrutecimento,**~~
~~**grosseria, indisciplina**~~

Amy Jo Westhrop
Janayna Araujo
Larissa G. Tokunaga
Weverton da Silva

VERSOS DE
Larissa G. Tokunaga

Deseducar é desadestrar e conceber o processo formativo como algo integrado à natureza. O saber livresco dispensa aquilo que não se pode trabalhar a partir de conceitos e abstrações: os sentidos e a sensibilidade são descartados. Deseducar é reabilitar os não-ditos contra os interditos, fazer aflorar a experiência. Os anarquismos são práticas de circulação, de construção coletiva de saberes e imagens "outras".

Assim que acessamos o verbete "deseducação", surge um sinônimo: embrutecimento. Se pensarmos, então, na ~~educação neoliberal~~, não nos depararemos com uma despersonalização cada vez mais massificadora? Educa-se para a burocracia, o anestesiamento dos afetos, o embotamento da expressão sexual e o binarismo de gênero. Não seria, pois, a própria ~~EDUCAÇÃO~~ hegemônica aquela que atomiza o gesto criativo, o destitui de seu potencial disruptivo, canalizando-o para o mito da originalidade e a perene busca pelo destaque e gratificação para alimentar a competitividade e a ânsia pelo empreendedorismo de si?

O movimento negro e LGBTQI+ denunciam um epistemicídio: genocídio contra práticas e saberes não-brancos e não-heteronormativos. Para muites a ruptura epistemológica é mais do que necessária. Todavia, isto ainda caminha muito pela via da disputa acadêmica, dos binarismos de raça, gênero, sexualidade, colonialismo etc.

...Bailem com autores
Na lira que é a pista
Rechacem seus mentores
E encarnem o próprio artista...

A deseducação não é uma nova epistemologia, mas passa ao lado da antropofagia: não é binária, nem disputa locais convencionais de ~~educação~~, mas devora tudo isso em proveito da alteridade.

Desculpa, Paulo Freire, mas já cansamos de suas semanas pedagógicas... Há quem grite –"menos Freire!"– Menos Freire onde? Esse bom senhor já ocupou algum lugar que não seja o da repetição, dogmática, do bom samaritano? "É preciso ensinar a pensar certo!" soa o mantra. É preciso ensinar para tirar dez, diz a regra.

"Mas o outro pensa certo, anda certo, pelo certo, como 10 e 10 é 20." (*Vida Loka*, p.1, Racionais MCs). É meio por aí que andam os conflitos da educação. De um lado, as regras do ensino: a iluminação secular; as palavras de ordem, tão bozinhas, tão emotivas, tão idiotizantes... Do outro lado, ora, o outro! Tão malandro, fugitivo, aberto às ruas e sensibilidades outras: deseducando...

Contudo, cuidado!

Lembremos ainda daquele outro retrógrado que grita: menos Freire!

Deseducação é desvio da prescrição educador-educando. É realinhar a individualidade ao devir da vida. Desajustar o sujeito através do gesto da revolta, como o coquetel molotov atirado pelo anarcopunk, da autogestão, dos cursinhos comunitários, das oficinas de zine, das rodas de capoeira.

É uma ação assumida coletivamente, que não pode ser uniformizadora ou panfletária: o único método é a experiência que principia na individualidade.

ACIMA DE TUDO, O GÊNIO É TAMBÉM UMA ILUSÃO.

Tanto no campo da educação quanto no da arte. Quando se implica a presença de um artista soberano e sofredor, o famigerado mártir, tem-se a formação de cânones quase inquestionáveis. Existe mesmo aquele que produz tudo e tudo o que cria é respaldado na existência de um dom? Desconstruamos a essência que se sobrepõe à técnica e torna sua produção irreplicável, incomparável e inigualável.

...Profanamos a aura
Dos ídolos redentores
Ah, ilusão que instaura
Servidão de adoradores...

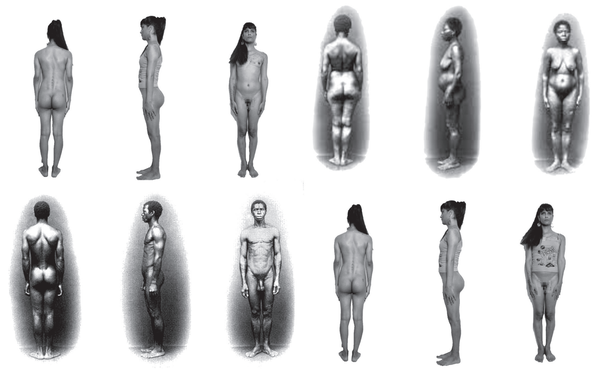
Mas a arte rebelde só pode ser iconoclasta com existências cênicas que esfacelam os ~~gênios~~. Um dom, quando visto de uma perspectiva mais realista, nada mais é do que o privilégio de poder se dedicar a algo e, sobretudo, de ser apoiado por alguém. Como reflete Linda Nochlin em *Por que não houve grandes mulheres artistas*?: "E se Picasso tivesse nascido menina? Teria Ruiz estimulado a mesma ambição de sucesso na pequena Pablita?" (Edições Aurora 2016). A resposta, Linda, seria "não". No máximo, seria permitido o desenvolvimento da habilidade de Pablita até o momento em que fosse necessário constituir família. Depois, tudo que se passasse fora dos aposentos domésticos se tornariam hobbies.

...Venerar este cimento
Subscreve a opressão
E quem ficou no esquecimento
em prol do mito da nação?...

Como confiar no ~~gênio~~? Se a sua glória só foi conseguida à custa dos outros: da mulher que cuidava dos afazeres domésticos, de cobaias anônimas para experimentações, de todes que quase conseguiram, que morreram no esquecimento, e que hoje sofrem a insultuosa tarefa de serem resgatades e lides sob a sombra desses ~~gênios~~.

Uma vida amortizada –em que a arte feita por pessoas que detêm o dom é vendida àqueles que supostamente não têm essa sensibilidade– acaba por servir aos circuitos de dominação.

Os anarquismos descentralizam, dessacralizam, descolonizam e deseducam pensamentos, pichando o monumento branco, fálico, do patriarca colonizador erigido há séculos. Tirar o fazer artístico de um pedestal é uma ação-direta, pois expropria as sensibilidades dos recintos canônicos e os devolve à experiência da vida.



Sem título, Bruna Kury
Registros das fotos da artista por Vulcanica Pokaropa. Fotografias "antropométricas" por Augusto Stahl a pedido de Louis Agassiz, 1865. Montagem por Bruna Kury. Frames do filme para Kuir Poetry.

ARTE DAS CORPAS INSURGENTES

Janayna Araujo, Alana Kikkawa e Amy Jo Westhrop

Muitas mulheres artistas tiveram larga importância dentro do anarquismo, dividindo seus fazeres artísticos com outras instâncias de luta na formação dos sindicatos, em escolas modernas, nas ações diretas, ou escrevendo jornais: as quatro Irmãs Soares, Luiza Capetillo, Luce Fabbri, Juana Rouco, Salvadora Orunbia, Clara dell'Oca, Clara della Guardia, Nena, Angelina e Maria Valverde, Olga Biassi, Maria Garcia, Helena e Lúcia Santini, Atea Tommasini e Ida Meneghetti, Petronila Infantes – a cozinha também é lugar de luta e arte! Pode-se listar inúmeras mulheres anarquistas latino-americanas, porém, onde estão? Na arte, assim como em outros campos, o termo artista foi construído como um atributo masculino, relegando às mulheres o espaço de anonimato e finitude.

MAS O QUE É PRODUZIR ARTE ANARQUISTA HABITANDO UM CORPO DISSIDENTE?

No passado as anarquistas questionavam as feministas políticas liberais; hoje artistas anarquistas criam novas práticas éticas, políticas e artísticas para questionar e explodir o sistema hetero-capitalista. Reconstroem conceitos de gênero, sexualidade e maternidade, algo que mexe, questiona e subverte estruturas. É através da performance, do teatro, da poesia, do grafite, da colagem, dos fanzines, da música, da fotografia, e de outras expressões, que estas corpas de devir criam magia, momentos lúdicos, contra-prazeres, misturam línguas, transpassam fronteiras territoriais, constroem novas epistemologias – tudo que o sistema ordenado na sua lógica binária sente desgosto…

A arte combina o que é universal e o que é individual, não acredita em criar vanguardas: é um universo de recombinar elementos, expandir conceitos que parecem fixados, e fazer esses novos elementos circularem.

Essas mulheres não estão em instituições hierarquizadas, mas em coletivos, grupos de afinidades, zonas temporárias, levando ou não vidas itinerantes, circulando entre as ocupações artísticas que existem ao redor da América Latina, buscando por autonomia e autogestão. Isso fere o sistema fixo, autoritário e machista.

Como uma arte de rua, o malabarismo é uma forma de expressão das anarcopunks, seu grito para uma arte mais livre, rompendo com as amarras do Estado. Essas mulheres vivem com o medo de perder seus filhos pela assistência social, batendo de frente com a polícia pelo direito de trabalhar, enfrentando abusos de seus espectadores e dentro das ocupações. Buscando na insurgência criar arte acessível para todes, uma arte não elitista, quebrando as fronteiras, ensinando e aprendendo com outros malabaristas, de forma autônoma, numa grande potência expressiva e resistente contra a arte burguesa e patriarcal.

NÓS, COMO ARTISTAS ANARQUISTAS, NÃO QUEREMOS PRESTÍGIO, QUEREMOS SER RECONHECIDAS POR AQUILO QUE A GENTE É, DA FORMA QUE SOMOS, E QUEREMOS CONSTRUIR ESPAÇOS ONDE POSSAMOS NOS EXPRESSAR, TRADUZIR, COMUNICAR, FAZER CIRCULAR – FAZER NÓS MESMAS.

Da Arte e do efêmero

Renato Mendes

O tempo não é uma linha reta. Quando se vive o que vale a pena chamar vida, criam-se espaços no tempo, ecos espirais, um passado presente e um esboço de futuro que não perde o hoje. Só se alinha o tempo para poder vendê-lo convertido em horas de trabalho, ou para castigar, penitenciar, com anos de cárcere ou dias de oração. A linha do tempo é a colonização do instante, a minutização do momento, a demarcação do acontecimento. Romper com as linhas retas, traçar as curvas do possível, fazer-se espiral: eis o ato artístico.

A ciência do progresso do patriarcado branco burguês força ao tempo-linha, ferramenta fálica de seu domínio. Neste, não é possível arte, ou o que valha a pena chamar arte; e quando há, é em negação ao mundo e na possibilidade de um novo. Um mundo construído pela ciência dos homens não vai ser destruído pela ciência (seja a ciência imortal do proletariado ou a ciência humanizada da academia inclusiva). Há que se encarar a vida como a tecedura de uma obra estética, engajada, incendiária.

O tempo da criação não responde ao da produção, e exige que se habite o palco da Efemeridiolândia. Neste, a artista atua, canta, pinta, esculpe, é pintada e esculpida, samplea batidas, compõe, assiste, é assistida, transa, escreve, mistura óleo com gasolina e pano numa garrafa na medida certa, joga malabares no farol verde e amarelo, escala um tecido circense, joga capoeira, arquiteta o fim do mundo, declama a poesia do novo presente.

Um quadro pode durar mil anos, atravessar as eras, ser desfigurado ao ser restaurado por uma voluntária idosa de uma cidadezinha na Espanha, e transformado em uma obra completamente outra, mas um dia também vai virar memória e esquecimento, pó de tempo.

Eternos são feitos para ser os edifícios, monumentos fálicos ao progresso rasgando o ventre do céu. O Eterno é linha rígida, hierarquia que tiraniza. Que a vida tenha o seu momento, ecoe e vá. Toda arte é legítima quando se faz dela um ato de esfumaçar.

O Borda

O Borda é o fim do @jornaldeborda
tendadelivros.org/jornaldeborda

Jornal de Borda, n. 10, fevereiro de 2021
TEMA: ARTE E ANARQUISMO
ISSN: 23593954

EDIÇÃO E PREPARAÇÃO Fernanda Grigolin / PROJETO GRÁFICO Laura Daviña / TEXTOS Adriana Varella, Alana Kikkawa, Aline Ludmila, Amy Jo Westhrop, Charlas y Luchas, Cibele Troyano, Fernanda Grigolin, Janayna Araujo, Mogli Saura, Larissa G. Tokunaga, Renato Mendes, Weverton da Silva / IMAGENS Arquivo do Centro de Cultura Social com Edvaldo, A Antiespecista zine com Edinir Aprígio e Bruna Kury com Vulcanica Pokaropa / TRADUÇÕES About Rose Mallows e Aquela Mulher do Canto Esquerdo do Quadro / REVISÃO Nabylla Fiori / FONTES UTILIZADAS Cuir Roman Times, Desvarial e Luce Fabbri (Laura Daviña), Dead (Jason Forrest), Leone (Laura Martens), Lexicon (Bram de Does), Lumberjack (Birgita Siim), Ortica (Benedetta Bovani) e fontes do séc XIX (tipografes ananonimes).

A construção da edição iniciou em Setembro de 2020. Foram realizados 10 encontros para discutir a pauta e os processos de produção, edição e circulação. Além disso, foram feitas lives nas mídias sociais. Jornal de Borda foi uma publicação editada entre 2015 e 2021 pela Tenda de Livros.
Obrigada, bem-vindes ao meu fim.

INCARPARAÇÕES MONSTRUOSAS

O atravessamento do anarquismo na (de)formação de uma artista trans preta nômade – ou as incorporações monstruosas que compuseram a corpa de Mogli Saura

A CRIAÇÃO DE SI COMO OBRA – como sugere o esquizoanalista Luis Fugante – tem guiado minha prática – de vida – (anti)artística conscientemente desde 2009, embora desde 2007 já estivesse presente, de modo inquietante, em relação às minhas angústias quanto às fronteiras artista e público, arte e loucura, arte e crime, e arte e vida.

Ao longo de exatos 15 anos venho elaborando práticas e modos de vida que, baseados nessas inquietações, tem produzido secreções estéticas em forma de performance, música e texto – além de espaços pedagógicos e de compartilhamento de minhas vivências nos campos da arte, da ecologia e das dinâmicas grupais autoanalíticas e cartográficas.

Minha trajetória nesse campo é um tanto ampla e intensa. Envolve/envolveu iniciativas coletivas propositivas e cotidianas baseadas nas noções de anti-arte e contracultura, que vão desde táticas de ação direta pontuais, até iniciativas que sugerem modos de vida alternativos. Trago como referências as linguagens da Palhaçaria Mambembe (Exército de Palhaços e desenvolvimento da Clown, entre 2006/2011), da Arte Sabotagem (YoMango, entre 2007/2012), da Body Art e Performance-Ritual (Kaos Butoh, desde 2011), do Pornô-Terrorismo (com o Coletivo Coiote, desde 2012), da Música/Performance-Anarca-Kuir (Anarcofunk e Bloco Livre Reciclato, entre 2010 e 2013; e Anarco Fake, desde 2018), e a Escrita Cartográfica (desde 2018).

Todas essas "linguagens" foram compostadas sob uma perspectiva negra, gênero e sexo dissidente, anticolonial e criativa.

A POTÊNCIA DISRUPTIVA E CURATIVA de minha corpa transitou por espaços autônomos, anticapitalistas, ambientalistas, de economia solidária/ dissidente/ colaborativa/ regenerativa. Espaços anarquistas e okupados. Mas não somente!

ENTRE CANOS DE REVÓLVER, socos e coronhadas – como em um dos vários escrachos que participei (como Palhaça, em 2006), ao ex-prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab. Assim como, em uma madrugada, "performando" destruir um banco, e quase morrendo nas mãos de um justiceiro armado. Mas também em inúmeras ações em manifestação de rua, escapando ilesa de tiros e de bombas.

ALGEMADA (como Palhaça, em 2007), em um ato Anti-G8, após ser pega gritando: "tem uma bomba no shopping!" (dentro do shopping Center 3); e, na sequência, ao ser detida e exposta, com mais 142 pessoas, protagonizei uma das cenas (Poético-Terrorista) mais afrontadoras e belas daquele dia, ao beijar o garoto preso ao lado, constrangendo policiais e mídia corporativa.

DETIDA, em uma tentativa de ação nudista, ao "receber" a família Bush (2007).

Como Palhaça, em manifestação do Movimento Passe Livre (2011). E trancafiada por cinco dias, ao estourar a bolsa em uma performance – YoMango (2008).

FORAGIDA, após apresentar em Butoh a Prostituição Xamânica na Cidade do México (2014), e ter de correr pra não ir em cana – como em diversas outras ações.

Sempre com a intenção de **LIBERAR** forças e desejos, romper com normas e jogar – a fim de suspender – violências. Seja como Drag-Queer nas ações Divas (2007), nas quais entrávamos montadas em grandes redes de mercado, pregando adesivos YoMango, ensinando consumidores a escapar das câmeras e a desativar alarmes das mercadorias, incitando funcionários a fazer vista grossa e a mangar de seu patrão-escroto-multinacional; e depois, enfiando mercadorias na bolsa gigante descaradamente, chamando a atenção de todos os seguranças do mercado – que hilariamente nos seguiam em bonde – enquanto outras 25 pessoas (performando consumidores normatives) faziam o furto real, que seria distribuído em jogos urbanos para cobradores, motoristas de ônibus e passageires, enquanto o bonde todo tomava o busão em festa!

FOSSE COMO Palhaça (pela sub-humanidade), ou (muito mais a fundo) no Butoh (pela inumanidade), a desrazão e a loucura (em sua dimensão mística) garantiram uma perspectiva própria de dignidade e Soberania de Si, acima de tudo – ainda que se estivesse abaixo de tudo.

FOSSE PELO Coletivo Coiote, no meio da rua, em meio a banhos de vômito, chuvas de mijo, pichação com merda, e liberação dos orifícios – enquanto denunciávamos o sexo não consentido (estupro) no seio das relações normativas (2013); ou fosse na casa da minha família, às 00h, do dia 24 de dezembro (2011), realizando a inesquecível e reverberadora Prostituição de Natal: os assombramentos sexo-dissidentes (em minha/ nossa corpa) extrapolaram os limites do público/privado levando inquietações éticas/estéticas/políticas para além das fronteiras entre arte e vida.

NÃO PODERIA faltar aqui narrar a grande importância do movimento Anarcofunk para todo um seguimento de funk anarquista que se proliferou, e que certamente referenciou (ainda que isso não seja dito) toda uma galera trans-queer-racializada que hoje atua na cena cultural mainstream representativa. Fecho esse texto com o refrão que compus e fez a cabeça de uma geração Anarca-Kuir de 2012 pra cá, Bixa Pobre:

BIXA, PRETA, POBRE, VADIA, DEGENERADA, infectando sua mente branca e civilizada, cagando pra cultura, passando a merda na cara, vomitando seus valores, sou a loca afetada!

Mogli Saura

um grito contra a apropriação

Aline Ludmila

Libertemo-nos das asas da avareza, fortaleçamos nossa intelligencia pelo estudo, cultivemos a solidariedade de classe, pratiquemos a acção direta e assim adquiriremos por justiça o que nos corresponde por direito e que nos foi arrebatado a força.

Maria Lopez
"Formai Consciências Companheiras!", *O Nosso Jornal*, 1923, edição fac-simile *Jornal de Borda 6*.

EX-PROPRI-AÇÃO,

exproprietat, tirar a propriedade de alguém. Palavra cuja origem remete ao latim medieval no século XVI. Mobilizemos o nosso próprio léxico para o termo expropriar: AÇÃO, direta e indireta, de reivindicar o que foi surrupiado de todes.

Dentro do debate anarquista, a expropriação é pincelada pelas cores da urgência, no sentido de trazer de volta ao comum aquilo que foi tornado privado, devolvendo o que nos pertence. A expropriação, sob uma perspectiva libertária, seria um dos meios pelos quais seria possível alcançar a coletivização e o gozo das necessidades individuais e comuns.

A sociedade é regida pelas mãos de diversas pessoas que produzem e reproduzem formas de vida. A apropriação, uma das bases do capitalismo, endossa a propriedade privada e desfalece a coletividade. Expropriar, então, carrega consigo um *ethos* político de restituir tudo aquilo que foi apossado e de fortalecer laços e afetos coletivos. Lembremos de todes anarquistas expropriadores que combateram e foram estigmatizades e relegades ao esquecimento.

Se o capitalismo se apropria do tempo, do trabalho, dos territórios, das corpas, dos espaços comuns e das subjetividades, a expropriação evoca a urgência de recuperar aquilo que é de todes. Porém, há uma latência quando evocamos a ex-propri-AÇÃO: o debate sobre as mulheres, principalmente negras, homens negros, pessoas trans e não-binárias que tem corpas e vidas apropriadas.

O patriarcado, enquanto alicerce do capitalismo, se compromete com a subjugação de pessoas subalternizadas ao se esforçar em apropriar das suas corpas e das suas mentes, a sexualidade, o trabalho produtivo e reprodutivo, incluindo o trabalho intelectual.

O combate à apropriação de pessoas subalternizadas é um debate urgente, porém, é pouco realizado, inclusive dentro do campo libertário. Discute-se, veementemente, ações que visam à libertação da humanidade, mas as mulheres, sobretudo as mulheres negras, trans e pessoas não-binárias seguem sendo apropriades e invisibilizades, até mesmo por companheiros de luta.

Quantos dessas corpas subalternizadas tiveram os seus gritos emudecidos? Quantas palavras foram apagadas? Quantas ações praticadas por essas corpas foram e são esmaecidas, especialmente se considerarmos o protagonismo feminino dentro do anarquismo? Quantas publicações foram apagadas ou pouco difundidas? Quantos desejos foram castrados? Quantos trabalhos realizados foram invisibilizados? E quantas pessoas subalternizadas foram, são e estão sendo expropriadas?

O trabalho e a autoria das corpas subalternizadas não são propriedades, tampouco endossamos a ideia de direitos autorais, mas reivindicamos a responsabilidade e o apoio mútuo —conceitos fundamentais para os processos de luta— em relação a tudo o que é produzido. Referenciar não é reverenciar, mas sim reconhecer o trabalho das mãos que escrevem, tecem, colhem, editam, publicam, costuram, cozinham e lutam. Trabalho que pode ser coletivizado a partir da premissa de que somos um todo composto por partes. Visibilizar o trabalho dessas corpas e sua importância para o todo, significa se confrontar com a opressão patriarcal que também se manifesta pela invisibilização.

Ex-propriar, para mulheres e corpas dissidentes, é um grito de **AÇÃO** (in)direta que transborda ímpeto e revolta. Um grito que reivindica a urgência de retomarmos nossas corpas e nossas mentes como parte fundamental de qualquer luta e a premência de nos opormos a qualquer tentativa de expropriação. Expropriação deve ser sinônimo de luta e não de opressão.

Nosso grito ecoa a necessidade de potencializar a expropriação como *ethos* político; como possibilidade de retomada e de transformação coletiva. A expropriação como potência também se manifesta nas paixões políticas, nos gestos de recusa, nos cuidados, nos boicotes, nas ocupações, nas aspirações e na **ARTE**.

Ex-propriar como AÇÃO:

arrancar as palavras tomadas, performar nos espaços institucionalizados, dançar em meio à rotina, pular as catracas, ocupar os edifícios, pincelar cores nos prédios acinzentados, sabotar, cantar canções de liberdade num mundo emudecido, descolonizar corpas e **desejar como quem se alimenta**.

Maria Antônia Soares discursa na Praça da Sé, na época Largo da Sé, no dia 1/05/1915. *A Lanterna* enuncia o comício que será às 9h30, convocado pela Comissão Internacionalista contra a Guerra. Há notícia de preparações para o momento no Brás, no Largo da Concórdia, no Largo do Riachuelo. "Trabalhadores de S. Paulo! Acorrei numerosos a essas reuniões, porque nelas se patrocinarão a causa que é vossa", convocam na primeira página do periódico. § Fonte do arquivo fotográfico: AEL (IFCH-Unicamp). Tratamento de imagem: Arquivo 17. Impressão do clichê: Laboratória de Gravura da Unicamp. Pesquisa: Sou Aquela Mulher do Canto Esquerdo do Quadro. § Assista Charlas y Luchas sobre as irmãs Soares, acesso através do link QR code acima.

EDITORIAL

NEM REVISTA DE INVENÇÃO NEM IMPRENSA OPERÁRIA: JORNAL DE BORDA É UM DESALOJADO

Fernanda Grigolin

Jornal de Borda é uma publicação que não deveria ter existido, pois ele não pertence nem ao campo das artes visuais, suas revistas de invenção e suas publicações de artista, nem ao que seria um entendimento clássico sobre a imprensa operária e suas ações noticiosas sobre as condições do trabalho, sobre as ações e sobre as estratégias coletivas. *Jornal de Borda* é um desalojado.

Foram seis anos, dez edições, 268 páginas pensadas e reproduzidas e espalhadas em quase 40 mil vezes. Quase 200 pessoas colaboraram com o projeto cujos lançamentos foram realizados no Brasil, Uruguai, México e Argentina, com distribuição em outros países como Portugal, Chile e Peru.

A chegada do periódico da gráfica era sempre um momento de tensão. Recepcionar, empilhar, empacotar e distribuir eram ações do gesto final e elas tomavam todo o meu corpo. Lembro sentir cheiro de jornal em mim por dias, aquela tinta impregnava minhas unhas e dedos... O gesto final sempre foi um compromisso individual, como idealizadora e editora, e minha família assumia como dela também para me dar um suporte emocional.

Uma publicação colaborativa deveria ter todos os seus processos responsavelmente pensados. Publicar vai muito além dos gestos de planejar, escrever, produzir, editorar... Fazer um pacote é tão editorial quanto pensar o lugar em que a imagem vai entrar.

Ando pensando muito sobre o que é publicar e o que seria publicar como um processo de autogestão e de anticapitalismo. Não tenho respostas, mas uma publicação coletiva que pretende rever suas práticas não é apenas uma divisão de tarefas ou um apanhadão do que cada um fez. Tampouco é algo como se os participantes elaborassem os textos e a editora ficasse com o resto (o resto é gigante e, no máximo, quem edita tem a companhia de quem faz o projeto gráfico). E, muito menos ainda, realizar uma publicação anticapitalista é apenas tomar a decisão da editora não receber pelo seu trabalho. A gráfica é paga, o papel, cujo monopólio é de uma empresa (que decidiu não fazer mais papel jornal e hoje em dia ele é importado), é pago. Então por qual motivo pessoas trabalhadoras do impresso não deveriam receber pelo seu trabalho? No *Jornal de Borda*, eu experimentei de tudo: escrever, desenhar, vender, empacotar e empilhar.

Desde a edição 4, uso o espaço da página para testar, editar e compreender a minha pesquisa sobre anarquismo e é o *Jornal de Borda* a expressão de um arquivo afetivo e de uma imaginação política. Devolver ao mundo *A Plebe*, *O Nosso Jornal* e *Nuestra Tribuna* com respeito aos seus pensamentos editoriais, temporais e tipográficos, são o melhor do *Jornal de Borda*. As edições foram distribuídas amplamente para que militantes e historiadores tivessem o gosto de ler e ver esses periódicos. Uma publicação é uma narrativa visual, textual, mas também uma forma de organização social e coletiva. Elementos sociais, historiográficos, visuais e textuais deveriam ser olhados em conjunto como escolhas expressivas do passado que nos ensinam também a visualizar, imaginar e militar.

A Plebe, por exemplo, nasceu em 1917 com uma tiragem considerável, chegando aos 10 mil exemplares, muito próxima à tiragem dos jornais institucionais daquela época. *A Plebe*, em seu primeiro ano de vida, e mesmo seu antecessor, *A Lanterna*, não eram imprensas menores; eram jornais com circulação local, nacional e transnacional. Além de serem lugares educativos de leitura coletiva. Nota-se também na *Plebe* um conhecimento de desenho de página, construção textual e formas de narrar muito próxima ao cinejornal (aqui falando especificamente da edição de 21/07/1917). É um feito editorial a ser considerado e olhá-lo como um lugar da cultura visual é necessário e generoso com o anarquismo.

O anarquismo também ensina muito sobre circulação. Aquele método antigo do anarquismo de carregar junto ao corpo suas publicações ainda é a norma para *O Borda* e para muitos publicadores que editam anarquismo. Aliás, esse método existia antes de qualquer infraestrutura como as estradas e o mercado editorial. Falar que existiam publicações e sua distribuição antes do mercado não é uma metáfora ou algo romântico da minha parte. Falar que existiam publicações e sua distribuição antes do mercado é compreender o papel crucial que o anarquismo tem para a prática impressa, o pensamento editorial e a edição artesanal no Brasil. Contar essa história é urgente e primordial. Talvez aprofundá-la nos ensine ainda mais sobre a prática anarquista, além do que já é dito nos textos lidos e relidos.

A EDIÇÃO 10

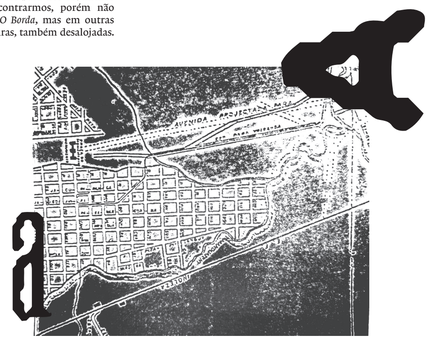
A edição que você tem em mãos poderia não ter sido assim se em agosto eu não tivesse postado um incômodo sobre o que seria a relação entre arte e anarquismo nas mídias sociais. As pessoas comentaram suas opiniões sobre essa relação e então um processo de reuniões e diálogos se iniciou em setembro. Boa parte das pessoas aqui presentes não se conheciam e foi decidido fazer uma edição em tiragem de 5 mil (como foi a maioria das edições do *Borda*) e em um formato e projeto gráfico que remetesse ao jornal *A Plebe*. Eu já estava exausta e havia decidido que o fim do *Borda* seria um texto individual contando um pouco das minhas escolhas. Foram essas outras pessoas que trouxeram outras vontades de páginas.

O nome *Borda* remete aos periódicos anarquistas do passado, como *A Plebe*, *A Lanterna*, que tinham seus nomes pensados com um artigo definido e um substantivo. Já tínhamos feito um exercício similar na edição 7, juntamente com Karina Francis Urban, e *O Borda* já havia sido posto em clichê tipográfico e impresso, assim como se fazia há cem anos. Talvez esta edição de agora converse diretamente com a edição 7 e os fac-símiles trazidos no 4 e no 6. Por isso, a logo é um híbrido da logo original do *Jornal de Borda*, feita por Lila Botter, com a logo de *A Plebe*, proposta por Laura Daviña que também realizou o projeto gráfico desta edição em suas mãos.

A conversa com o passado é visual, ética, estética e impressa e também é temática, pois ela aborda temas relacionados ao anarquismo e traz velhas questões já faladas por mulheres anarquistas do passado como: por qual motivo um movimento de transformação social e emancipação humana, como é o anarquismo, ainda reproduz práticas machistas?

O Borda 10 é o *Borda* possível, feito com as ferramentas que tivemos no momento. Mesmo sua gestação tendo sido iniciada em setembro, foram trocas e conversas sobre cada etapa: como planejar, como editar, como olhar para os elementos, como construir textos. Algumas decisões foram tomadas em respostas aos desafios e o maior deles: a distribuição está, novamente, em aberto. Mais uma vez fecho uma edição tendo apenas a gráfica paga e, novamente, o desafio da circulação segue sendo árduo e indissolúvel.

O *Jornal de Borda* se despede como *O Borda*. Que estas colunas, linhas e releituras gráficas imaginativas sejam um convite para nós seguirmos a nos reencontrarmos, porém não mais como *O Borda*, mas em outras páginas futuras, também desalojadas.



crédito: *Jornal de Borda* 07 e *Arquivo 17*

VOZES TIPOGRÁFICAS COM NOSSAS ANCESTRAIS

#CHARLASYLUCHAS

“companheiras!
COMPANHEIRAS!
apelo para vós, em nome do futuro da Humanidade, para que unidas nos lancemos na luta, procurando eliminar tudo quanto obstrua o caminho que há de conduzir-nos ao futuro ditoso (...) Sim, unamo-nos.

Maria A. Soares
A Lanterna, 08 de outubro de 1914

“Everything that opposes freedom, equality and fraternity must disappear. Long live Anarchism!

Margarita Ortega Valdés
trecho retirado de Charlas y Luchas, tradução: About Rose Mallows

“En los momentos de angustia dejemos de elevar nuestros ojos al cielo: ahí están aquellos que más han contribuído a hacernos esclavas. El remedio está aquí en la tierra y es la REBELIÓN”

Petronila Infantes
“A mis compañeras proletarias”,
Jornal de Borda, pesquisa: Ivanna Margarucci

“O surgimento de um JORNAL é um propósito que dá muito trabalho. Mas, como fazia muitos anos eu vinha pensando em sua existência, durante as viagens pelo interior do país falei com companheiras e companheiros (...) a intenção e a necessidade de existir um jornal anarquista feminino.

Juana Rouco Buela
Jornal de Borda, tradução:
Aquela Mulher do Canto
Esquerdo do Quadro

“¿Muchos se preguntan qué quieren los anarquistas?
¿Quieren acaso quitar a los ricos lo que poseen para ser ricos ellos a su vez?
¿Por qué dan tanta libertad a sus mujeres?
¿Y ellas, quieren tal vez destruir la familia?
¿Por qué odian al gobierno?
¿Por qué no defienden la patria, “como todo buen hijo”?
¿Por qué no abrazan ninguna religión?
¿Por qué no cristianan sus hijos?
Nosotros les contestamos:
Los anarquistas no quieren nada; señalan las necesidades que deben satisfacerse, las injusticias que deben suprimirse y las verdades que deben conocerse.

Virginia Bolten
“Preguntas y respuestas”, *La Protesta Humana*,
n. 96, 28 out, 1900

MACHISMO dentro do ANARQUISMO

Eu gostaria que cada um meditasse profundamente e antes de abrir os lábios, entrasse em si mesmo, até suas intimidades mais profundas, (...) se dispusesse a falar a verdade passando por cima de todas as coações sociais e procurasse descobrir em si mesmos e na sociedade a leve marca que permitiu deixar a mulher no estado em que está (...)

Lucía Sánchez Saornil
A questão feminina em nossos meios,
Biblioteca Terra Livre, 2015

Machismo e anarquismo: palavras heterogêneas que, por vezes, se encontram. Uma rima dissonante que está impregnada em discursos, ações e gestos. A história se repete: os machismos se apresentam em discursos, coletivos, sujeitos e movimentos.

A denúncia de mulheres contra o machismo não é algo recente e pode ser vislumbrada ao longo da história. Várias mulheres libertárias gritaram contra a opressão masculina dentro de movimentos e sindicatos, fosse em chãos de fábricas ou em contextos brutais como o fascismo. Porém, esses nomes foram ofuscados: Maria Lacerda, Irmãs Soares, Petrolina Infantes, Margarita Ortega, Juana Rouco, Lucía S. Saornil, Elvira Boni, Luce Fabbri...

Subestimações, interrupções, violências, apropriações, centralização, invisibilizações, gordofobia, racismo e transfobia – algumas das práticas que estão entranhadas nas estruturas que reverberam, incessantemente e de forma cansativa, em indivíduos e coletivos.

É gritante que com toda a construção histórica das mulheres do nosso meio, os tempos pós-modernos vieram como um entrave dentro do próprio anarquismo. É um momento em que a sociedade clama por mudanças e os nossos meios já deveriam ter solucionado questões, como o machismo, pelo peso histórico que as mulheres anarquistas têm na luta. As ações de vocês, homens, que menosprezam nossas histórias e emudecem as nossas vozes, é consequência direta do patriarcado e da heteronormatividade dentro do anarquismo.

Vocês, homens, reproduzem a violência do patriarcado em diversos graus contra companheiras de lutas; articulam-se para apaziguar as pequenas tiranias e, quando coletivos se desfazem por violências graves, tentam culpabilizar a vítima, sendo que o impasse na luta são as suas próprias ações. Quantas construções mais irão ruir por vocês não manterem o pinto dentro das calças?

Nós não somos uma luta secundária! Nós devemos caminhar juntos! As opressões de classe não são maiores do que as de raça e as de gênero! Parem de ver o mundo somente pelos próprios umbigos; abram a percepção para as dores dos outros.

E se seus espaços tem poucas mulheres ou nenhuma, fiquem atentos e revejam suas atitudes, suas e de colegas, que afastam as manas. Um coletivo sem mulheres é a incapacidade de vocês, homens, enxergarem a própria misoginia e destruírem a masculinidade tóxica. Lembremos que o patriarcado também coloca ambas as atitudes em cima de vocês.

Não podemos separar a vida política da dimensão pessoal: um grupo só de homens é impregnado de uma masculinidade que reproduz o machismo contra as companheiras e contra outras mulheres dos seus cotidianos.

Destruir o patriarcado e a heteronormatividade é uma tarefa urgente e coletiva para as construções dos processos de luta e é mais importante do que a imagem que o seu coletivo tem a zelar. Trabalhar as próprias contradições sempre foi o trunfo do anarquismo na transformação social. Não atrase o potencial de mudança em suas ações para amaciar o seu ego!

O processo de destruição e construção é árduo e intermitente. Onde estão, dentro da literatura tradicional do anarquismo, os livros e pensamentos desenvolvidos por mulheres? Elas não escreveram nada de valor? Ou é porque essas mulheres não eram ou não são anarquistas? Ou porque quando produzimos, nossa escrita é lida como um anarquismo de mulheres, sobre mulheres e para mulheres?

É urgente que o discurso se materialize em prática: não se trata de desconstrução e sim de construção coletiva; construir espaços onde as mulheres se sintam seguras, abraçadas e ouvidas, para que possam falar, agir e serem elas mesmas. Nem silêncio, nem grito, porque afinal berrar cansa.

As mulheres, de ontem e de hoje, não se ativeram somente à libertação feminina, mas também à transformação social como um todo. Elas pensaram e pensam o tempo em que vivem, e possuem perspectivas igualmente revolucionárias, com o mesmo valor de mudança e um igualitarismo ainda mais abrangente.

A emancipação universal deve ultrapassar o campo da classe. O feminismo interseccional abre as fronteiras de como nos ver enquanto indivíduos perante a sociedade e do que deveria ser incluído ou excluído nas práticas de luta. Será que o feminismo transdesviado – que não se limita à ordem do feminino, que transcende diferentes corpas e gêneros – não é apenas um movimento de mulheres, mas sim uma prática política e ética, que coloca em xeque o patriarcado heteronormativo e o capitalismo? Cuidado com a resposta: é nela que reside a enfermidade que há anos apodrece a árvore do anarquismo.

“Uni-vos, formai sociedades de resistência,” diz Matilde Magrassi no jornal *Novo Rumo*, em maio de 1908 – esse é o grito de união que nós mulheres e todos os corpos dissidentes almejamos.

Alana Kikkawa
Aline Ludmila
Amy Jo Westhrop
Janayna Araujo

Estudo tipográfico realizado a partir das edições fac-símile dos jornais *A Plebe*, *O Nosso Jornal* e *Nuestra Tribuna*, que foram publicados em outras edições do *Jornal de Borda*

RACHADURAS NAS PAISAGENS CIVILIZADAS

=Processo =Arte/ Anarquia/ anarkofeminismo/ public art performance

Adriana Varella
(ou black, meu nome trans)

Se a música afeta as cobras é porque seus corpos são longos e tocam a terra em quase todos os pontos; também porque as vibrações musicais que são comunicadas à terra os afetam como uma massagem muito sutil e muito longa; proponho tratar os espectadores como súditos de cobra e conduzi-los, por meio de seus organismos, a uma apreensão dos noções mais sutis.

Antonin Artaud

As estruturas do corpo informam que a nossa natureza foi construída pelo pensamento e não por todo o corpo nos espaços. O TRANS passa agora a ser o corpo, e estas vibrações do corpo afetam a maneira como as pessoas falam e movem seus corpos no espaço e na maneira como estas pessoas respiram, no ritmo, nas frequências destas ressonâncias; realmente vibra e afeta a realidade espacial dos corpos e isso é amplificado nas arquiteturas. O primeiro movimento é envisionar as estruturas desta situação; o segundo movimento é ampliar a energia e substituir por movimentos de corpos que queremos, e isto está nos projetos de transarquiteturas em que estou no processo agora.

Para mim, fazer arte agora é ir para a realidade construída das nossas vidas, pois é lá onde a arte está viva e pulsante em contraste com os espaços vazios, apáticos e sagrados-mitificados da arte contemporânea (museu, galerias, teatros, etc.). Esses “espaços seguros” da arte fazem parte das estruturas patriarcais brancas e capitalistas que estamos tentando destruir.

Tentei realizar o projeto *rachaduras nas paisagens civilizadas* com algumas amigas antes de conhecer minha ex-parceira de amor e arte, Ifé da Silvia, no living Teatro de NY, na ocasião de uma apresentação do ANARKOARTLAB [laboratório de criação coletiva].

Todo o processo foi realizado com muito tesão, confrontando as estruturas. Gozamos muito e tudo foi muito gostoso. Acho que prazer é um atributo do anarkofeminismo. Explorar as arquiteturas patriarcais das cidades com a intenção de descalcrializá-las foi o primeiro passo para o processo da construção do projeto Trans-arquitetura [Eliminação das estruturas binárias da arquitetura].

Os locais de dessacralização foram de escolha precisa e estratégica pois queríamos desafiar a arquitetura como autoridade heterossexual patriarcal capitalista. Para nós, ao fazer sexo em uma igreja, numa mesquita, num castelo, num museu, num banco, numa tumba, numa limosine que atravessava NY, e em outros monumentos, nós descontruímos as dimensões sagradas, heroicas e sexistas dos locais e das arquiteturas. Nós nos infiltramos nesses prédios para decifrar a força oprimida que está além do aspecto formal e usamos o sexo como um processo subversivo e revolucionário de profanação.

Queríamos questionar a natureza fálica dos modernos blocos de torres de concreto vertical, que para nós são dominados pelo patriarcado, pelo autoritarismo e pelas hierarquias. São arquiteturas de uma cultura e paisagem brutalmente moldadas pelas forças do colonialismo, do imperialismo, do centralismo e do domínio do estado por muitas centenas de anos. Essa arquitetura em grande escala fornece os mais dramáticos exemplos visuais da relação entre espaço e poder.

⟵ O que fizemos não foi um filme; foram movimentos de corpos, energias, espaços e arquétipos que habitam o inconsciente coletivo e individual confrontando o corpo arquitetural e individual das relações, das comunicações, dos comportamentos e das estruturas inter-sexual-sociais. Absorvi e identifiquei este projeto com o teatro da crueldade de Antonin Artaud, em que movimentos, estruturas em arte, arquiteturas, rituais, afetam a dinâmica de nossas relações e comunicação nas estruturas sociais. Absorvi e identifiquei os movimentos do corpo nestas estruturas que criam comportamentos, hábitos, movimentos, pensamentos – criados e condicionados pelo patriarcado.

Como Lygia Clark, para quem o corpo é a casa, tento trazer questões sobre como as estruturas de poder são neutralizadas e negadas por estes outros movimentos que criam rupturas de poder. E isso não está somente no filme enquanto um produto final, mas na maneira como criamos e como agimos no processo deste projeto.

Os locais, o som, o estado de consciência, o fluxo que trazemos, o espectador que emerge nessa videoinstalação experimenta comigo essa negação da patriarcalidade, desta construção hierárquica e de poder. E porque acontece no universo da energia e ação-sexual, pegamos esta energia e a confrontamos no vórtice do poder.

No alto: Raniere Gonçalves. De pé: Rensinho, Marcos Fentanes, Cibele Troyano e Regina Garbellini.
No chão: Décio Mello e Jaime Cubero. Autoria da imagem: Edvaldo / Acervo CCS

TEATRO, REVOLTA E AÇÃO DIRETA

Tecer-se resistência
Desertar a sujeição
Questionar minha essência
Gesto cênico do “não!”

Alana Kikawa
Larissa G. Tokunaga
Renato Mendes

“Estamos no vão do MASP em 1987, nos primeiros anos da reinauguração do Centro de Cultura Social de São Paulo, preparando um ato teatral para o 1º de maio. Com o coração batendo forte pelas ideias anarquistas. Passadas mais de três décadas, sinto saudade dos companheiros que se foram, mas celebro a chegada de tantos outros. O pulsar do coração não se alterou.”

Cibele Troyano

O teatro falha onde existe autoridade. O brilho de uma estrela antes incinera o palco do que ilumina o público. É quando a constelação de artifíces da cena e a pessoa que assiste se alinham que o céu cobre limpo o caminho dos desejos.

O processo do fazer-teatral desvela o trabalho em grupo, colocando a prática anarquista em foco. As apresentações que eram feitas nas festas operárias ajudavam a financiar frentes de luta assim como as escolas modernas tiravam o lazer dos proletários das mãos da Igreja, já que aos fins de semana famílias obreiras iriam a missas e então passaram à atividade instrutiva voltada ao pensamento racional e antimoralista. Artistas militantes nos lembram que o que está dentro de uma sala de teatro jamais está separado do que está fora. Não há escapismo.

Arte é ferramenta da deseducação libertária para grupos filodramáticos (que fazem tudo com amor, inclusive o amor), não apenas por peças que trabalham a consciência do sistema de opressões, mas por entender o teatro como uma ferramenta de construção coletiva. Um espaço do aprender a trabalhar em grupo e desenvolver autonomia, mobilizando pessoas em diferentes frentes de trabalho e exercendo intersubjetividade. O fazer-teatral abre caminho de criação a pessoas que enxergavam sua força de trabalho somente como mão-de-obra à venda aos donos do capital e, por isso, foram exauridas de pensar no potencial que essa força de trabalho tem. Também une o que a divisão social do trabalho separou: o trabalho intelectual do físico. Assim, costureiras da indústria têxtil fazem figurinos, marceneiros, a cenografia, criando em cima de recursos que já possuíam e não eram observados dessa maneira. O trabalho é prazeroso quando dele se assujeita.

O desvelar das opressões introjetadas como essências a partir de narrativas permite a fabulação de vidas “outras”, com elos antiautoritários entre as subjetividades. O papel ético-político do teatro anarquista é aliar a arte à vida sob um prisma antiburguês, antirracista, antipatriarcal, anticlerical, de modo que se escancarem opressões sociais não tão evidentes.

A ética anarquista não só subverte a forma das peças, que antes eram moralizantes e *pièces bien faites*, mas manifesta uma linguagem incendiária que tem fagulhas no movimento *anarcopunk*, nas performances *anarcoqueer*, no teatro de rua, nos malabares. Os corpos que fabulam novos espaços cênicos rompem as bordas entre texto-ação.

Os livros da medicina da mente – em que putas são as criminosas natas, e anarquistas, seus pares – acusam que é doença não saber desassociar a realidade da ficção. Aqui dizemos que é tolice fazer o contrário! O ato criador do teatro é ato de rebelião contra a insuficiência da realidade, brasa de anarquia que se insubmete ao cotidiano da desvida e lembra à vida que ela, junto à arte, são as “chamas gêmeas da revolta.” Emma Goldman em *Vivendo Minha Vida* (2015).

ANTIESPECISTA

Trabalho visual de Edinir Aprígio para *A Antiespecista*, publicação editada por Carla Falcão sobre anarquismo e antiespecismo, @antiespecistazine, @vxscer4